

"Alguns acontecem no meu coração" quando eu estou chegando na rua com a trouxa que contém várias fantasias velhas, panos coloridos já usados, pra daí a pouco apresentar o teatro de rua. Eu tô na rua. E cadê meus pavores de filho da pecunia burguesa, de família de médico liberal de esquerda que misturava marxismo com positivismo, criando num lar que garantia a reprodução do sistema muito eficazmente. Enquanto aliviava a consciência numa tradição Getúlio-trabalhismo-socialismo utópico?

O bumbo do **Tá na Rua** bate, a gente canta e a roda se forma. São apresentados personagens do nosso cotidiano. Os nossos atores apresentam suas especialidades:

Lucy — a mulher que grita, rodopia e cai. Tão simples, tão rotineiro. Pode acontecer em qualquer lugar. Qual a mulher que não faz isso? Pra que serve? Pra aliviar a tensão, a tesão, sei lá, dizem as pessoas em volta. E alguma coisa acontece no meu coração.

Agora, o Artur — ele aprendeu nas melhores escolas do mundo a fazer uma coisa que parece fácil, mas só com muitas lições se vai lá a fazer isso: Artur coça o saco. O povo dá risada. Será o marido da dona Lucy? Enquanto dona Lucy grita, rodopia e cai, seu Artur coça o saco. Quem não sabe fazer isso? Qual o homem que não faz? Que espelho é esse? Pergunto eu. Quem dá risada reconhece. Se reconhece. E o avesso do avesso, penso eu. E alguma coisa acontece no meu coração.

E vem a Rosa. A Rosa sabe sofrer. Não é pra qualquer um. Mas com que a Rosa sofre? Ela não diz... Mas as pessoas na roda dizem. Depende da roda em que se está. Pode ser com o salário mínimo, trem, gasolina, homem, repressão... E a Rosa tem que saber morrer. Porque não é qualquer coisa que mata a Rosa. Tem que ser uma coisa forte, que no movimento se sintia como tal.

Mas a mente apavora o que ainda não é mesmo sério". Pois a Rosa sofre, morre e renasce cada dia. Mas o que faz ela reviver? E as pessoas revelam seus mais íntimos e — engraçado — mais públicos desejos. E a Rosa tem que saber renascer. Porque não é com qualquer coisa. Com tantos desejos, só um igual ou maior do que a força do motivo que a matou. E as pessoas aplaudem a volta olímpica da renascida. E ficam tão felizes quanto eu.

Será o esperanto? pergunto eu. Que linguagem é essa que provoca a linguagem das pessoas? Que ator é esse que tá na rua pleno de contradições e que revela as contradições do povo em volta? "Você disse que não sabia mas tá coçando o saco..."

"É preciso estar atento e forte..." Eu me lembro de 1969. Tinha deixado de fazer cinema em final de 68. Tipo risonha promessa sendo afilhado pelo cinema novo para entrar na militância políti-



De James Dean a cigano

ca através do movimento secundarista. Não queria falar da revolução pelo cinema. Não queria mais falar de sociedade dividida em classes sem levar uma luta concreta pela transformação desse estado de coisas. Luta armada. Negava um passado que eu já tinha de muitas leituras, muitos cinemas, teatros, muito prazer. Um filme revolucionário. Dezesesse, dezessete, dezito anos. Uma repressão horrorosa no Brasil. O belo encontro com o povo na rua ficou postergado para depois da revolução. A quase clandestinidade. Rio — cidade fechada.

Agora é o negro do grupo. Ricardo. Louro, compridos cabelos lisos. O que o negro faz? Trabalha. E os senhores botam o negro pra trabalhar. Violentamente. Se eu sou a cabeça, ele é o corpo. Eu boto a minha máquina pra trabalhar pra mim. E o povo dá risada, pede ao negro pra trabalhar pra ele. Tem muito negro botando e negro pra trabalhar e dando cascudo nele. É divertido entrar nesse teatro. Mas quem quer fazer o papel do Ricardo? Ninguém, é claro.

A liberdade e o compromisso são as coisas mais fortes pra mim no trabalho. Nunca, em toda a minha vida ou na experiência que eu tive como atriz, me senti tão livre. Dá pra rir, gritar, bater, apanhar, chorar e nada fica subjetivo, psicológico, misterioso. As coisas são claras e ligadas com o que está acontecendo ali. Você sabe o que está dizendo, com quem está falando (o público) e com quem está trabalhando. Quando se rompe um desses contatos, já dançou; é mentira, vago, velho; é aquele teatro onde o ator não tem cara, não tem alma. Onde ele é possuído e não possui nada.

O Amir sempre nos falou muito sobre o amor que temos que ter pelas pessoas. Na praça, é um ponto chave. É o coração, o sentimento, o lúdico e a realidade. O sol na cabeça, a nossa ponte de contato. E vamos nós e nossa trouxa em direção à praça.

Eu fiz quatro anos de escola de teatro, me formei lá. Sempre trabalhei como atriz. Mas aquele teatrão é impossível fazer depois do que eu vivi no grupo. Cinema está impossível, porque se se tem um mínimo de ideologia fica difícil fazer e servir à pornografia. E a televisão — que é do que eu estou vivendo — além de ser uma contradição do caralho, porque afirma tudo que eu nego, prende coisas que o trabalho me ensina e ajuda a soltar.

Lucy Mafra



Lucy em uma cena de "Eu matei Lúcio Flávio"

E agora Marilena, a índia. Índia sangue tupi. Que no atual momento já está na beira da estrada, biritando muito. Que rebola ao som de "Maria Helena és tu..." Perfeita imitação de índia. Que atriz é essa, se pergunta Marilena, que tem que estar fazendo a índia com todo sentimento e esse sentimento tem que estar aberto para compreender que a índia já saiu da selva e está na beira da estrada, pelo movimento do aqui e agora daquela apresentação?

Quando eu encontrei o Amir como professor de curso do **Teatro dos Quatro**, foi um desafio. O seu teatro não era mágico. O ator não era dotado pelos deuses de um sublime sopro espiritual, mas sim alguém que precisava estar presente com toda sua consciência, informação e canais de sensibilidade abertos para um jogo que pode ser simples se se quiser com esse jogo revelar as contradições que estão presentes em todos os personagens, as contradições que encontramos nas relações que os homens estabelecem entre si. Econômicas, culturais, afetivas.

Embora eu tivesse uma tendência cultural a querer ser um Marlon Brando ou James Dean, isso era absolutamente atormentante, difícil e ridículo enfim, pra mim. Muito especial e vazio. Pesado. Sem graça. Ganhar o Oscar e ficar gordo e enfiado. Esse filme eu já vi. Esse papel eu não queria pra mim.

E agora vem a Ana, com o filho dando cambalhotadas na barriga e já na rua. Presença antevista em Xuxa e Krikeria. E Betina, a mulher que se vira dando estrelas na rua. E eu, o cigano que não tem papel previsto nessa sociedade que se conhece. Que saltou fora da vida de bancário para um outro futuro. Alguma coisa acontece no meu coração.

Tem Amir Haddad, que faz o homem que fala sem parar. Que chuleia e borda com as contradições na rua, no teatro e na sua própria vida. Que quer mostrar o avesso do avesso. O homem que fala sem parar, quer que todo mundo fale.

Papa fina esse teatro que parece ser o Deus Priapo: rústico, obsceno, 2000 anos de idade.

Sérgio Luz



A que ensinava, hoje aprende: tá na rua

Essa aí, sou eu. Professora primária, careta, insatisfeita com o que fazia, mas só vivendo isso com problema de angústia existencial. Eu fazia análise nessa época e o mundo se resumia no subjetivismo que o tratamento analítico nos dá. Mas a coisa já estava brava mesmo e como "quem procura, acha", eu fui achando caminhos de mudança: o artesanato, a Feira Hippie de Ipanema, a Escola de Teatro e acabei por abandonar o magistério. Comecei a trabalhar com Amir em 1976.

Depois que nasceu o **Tá na rua** tudo mudou. De um grupo que trabalhava com uma dramaturgia muito séria, pesada, como era o **Morrer pela Pátria**, passamos a lidar com músicas, piadas, muita alegria. Era uma girada completa, que me botava muitas vezes me perguntando: "quê que eu tô fazendo aqui? Eu quero é ser atriz do teatro 'normal', com texto, personagem. Foi nesse sentido que eu me desenvolvi. Lá eu sei o que eu tô fazendo, mas aqui na rua eu não sei!" Eu me fazia.

As vezes o trabalho é mesmo muito difícil. Exige um constante aprendizado. Mas ele nos deixa inteiros e, por isso, se torna vital para cada um de nós do grupo.

Ana Maria



A Rosa dançou

É muito mais do que um trabalho de teatro. Trabalhamos no presente para outro futuro, este é o nosso slogan. Não queremos somente ser ótimos atores e fazer qualquer teatro. Queremos sim ser outras pessoas e fazermos tudo o que curtimos. Mas para isso temos que mudar muito a nossa maneira de viver, entender bem nossas contradições. É **PRECISO ESTAR ATENTO E FORTE**.

É muito cansativo, mas é também gratificante demais. A recompensa é imediata, um eterno movimento, nada pára, as coisas estão sempre vindo, sendo trabalhadas e voltando, para novamente quando vierem serem outra vez trabalhadas. E assim sucessivamente.

Rosa Douat